

# BIBLIOFILIA E SUA RECÍPROCA

---

*Carlos Augusto Calil*

José Mindlin fez da bibliofilia sua razão de vida. Com paciência e orgulho de caçador, ele exibia pessoalmente ao visitante de sua casa os troféus conquistados na busca interminável pela raridade perseguida nos sebos e buquinistas do país e do exterior. Como dissesse que queria morar numa livraria, transformou sua casa numa livraria particular, dotada do equipamento necessário à máquina de morar.

Possivelmente terá sido o mais bem-sucedido entre os bibliófilos brasileiros, pois não apenas reuniu uma coleção excepcional pela qualidade e quantidade, como soube dar um destino à altura da biblioteca, impedindo a dispersão dos livros ou sua incorporação seletiva a outro conjunto.

O edifício que ele fez construir na Cidade Universitária especialmente para abrigar seus preciosos exemplares é suntuoso e adequado à conservação e à pesquisa, além de portador de valores relevantes no mobiliário escolhido entre o melhor que o *design* brasileiro produziu. Conteúdo e continente se completam e se beneficiam mutuamente numa combinação rara entre as instituições públicas.

A passagem do privado ao público se deu sem perda da identidade peculiar do colecionador.

Imprimiu ele marca de autoria em uma atividade geralmente considerada manifestação voluntariosa de posse e desfrute solitário. E o lema que escolheu para o seu *ex libris* – *Je ne fay rien sans Gayeté* – “Nada faço sem Alegria”, na escrita quinhentista de Montaigne, embalou o legado valioso em tonalidade existencial, aliviando a tarefa obsessiva.

Nessa jornada, José Mindlin contou com a colaboração inabalável de Guita Mindlin – como ele, amorosa dos livros dos quais cuidava com ciência clínica; sem o fervor compartilhado pelo casal, nem Brasileira e nem prédio ambicioso teriam sido erguidos.

Mindlin recebeu estímulo decisivo de um grande bibliófilo que o antecedeu – Rubens Borba de Moraes – introdutor da Biblioteconomia no Brasil, ele mesmo colecionador de mancha, que doou seu patrimônio para dar contorno definitivo ao acervo. Sem herdeiros diretos, RBM pôde encaminhar essa Brasileira notável ao encontro da coleção Mindlin, o que a valorizou sobremaneira.

Rubens Borba de Moraes era amigo de infância de Mário de Andrade. Com ele participou da Semana de Arte Moderna, num papel secundário, e a parceria se reanimou quando ambos foram recrutados por Paulo Duarte para a implantação do Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura de São Paulo, em 1935, na administração do prefeito Fábio Prado. Os dois foram responsáveis pela consolidação da Biblioteca Municipal – hoje Biblioteca Mário de Andrade – pelo seu novo prédio em estilo *art déco*, construído na rua da Consolação, pela Biblioteca Circulante, assentada em furgões que estacionavam nos parques públicos, pela primeira biblioteca infantil, pelo planejamento da rede de bibliotecas de bairros.

O autogolpe do Estado Novo conduzido por Getúlio Vargas removeu o prefeito Fábio Prado, substituído pelo professor da Escola Politécnica, o urbanista Prestes Maia. Conservador, de gosto acadêmico e antimodernista, o novo titular do governo da cidade pouca atenção dava à pauta da Cultura, obcecado pela implantação das avenidas de fundo de vale. Interveio reiteradamente no projeto da Biblioteca Municipal, removendo uma segunda torre de guarda de livros, por considerá-la desnecessária, impingindo um pórtico neoclássico fora de escala ao volume geométrico do edifício, que considerava de mau gosto. A tudo isso Rubens Borba de Moraes aturou pacientemente.

Quando Prestes Maia determinou que o *hall* da biblioteca iria abrigar a escultura de uma jovem beldade paulistana – Maria de Lourdes Teixeira da Fonseca, a Lalucha – com um livro nas mãos, representando

a Leitura, RBM preparou o revide. Perguntado pelo prefeito qual a epígrafe que saudaria o leitor na entrada desse museu do livro, o diretor saiu-se com o famoso dístico de Dante Alighieri, retirado do “Inferno” de *A Divina Comédia*: “Lasciate ogni speranza voi ch’entrate” (“Abandonai qualquer esperança, vós que entraís”). Foi enfim demitido da direção e obteve a alforria da burocracia municipal<sup>1</sup>.

Metódico, objetivo, dotado de espírito científico, planejador de instituições... Rubens Borba de Moraes, o modesto autor do *O Bibliófilo Aprendiz*, foi bibliógrafo, professor, diretor de bibliotecas importantes que ajudou a implantar, como mencionada, a Biblioteca Municipal de São Paulo e a Biblioteca das Nações Unidas.

Mário de Andrade era assumidamente bibliófilo, colecionava primeiras edições raras de obras sobre o Brasil e edições de luxo, em grandes papéis e ilustradas por grandes gravadores. Citava entre seus trunfos: a primeira edição da ópera *Il Guarany*, a *Reise in Brasilien*, de Spix e Martius, a *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, de Rugendas (e alguns desenhos originais dele). Dos contemporâneos, preferia as edições de luxo francesas: *Les Algues* (ilustradas por Aleiev), *Siegfried et le Limousin*, de Giraudoux, *Bouddha Vivant*, de Paul Morand, *Les Villes Tentaculaires*, de Verhaeren (com ilustrações de Brangwyn), *Um Amor de Swann* (águas-fortes de Laprade), que considerava uma obra-prima de edição. Tinha ainda livros com gravuras de Picasso, Léger, De Chirico, Dunoyer, Segonzac. Seus papéis preferidos eram o Madagáscar e o Holanda da casa Pannekoek<sup>2</sup>. Vivia endividado com as compras feitas além de suas posses. A biblioteca de Mário continha dezessete mil volumes distribuídos entre artes, literatura, música, história, psicologia, ciências sociais, livros de arte, livros-objeto e de arte gráfica<sup>3</sup>.

Mário de Andrade tinha o hábito inusual de sempre dispor de dois exemplares quando o livro era autografado. Em carta de 27 de setembro de 1936, dizia ele a Rodrigo Melo Franco de Andrade:

Ainda não recebi seu livro de contos [Velórios] que provavelmente chegará hoje. Mas lhe previno com toda a mais despudorada franqueza que não lerei o exemplar e que se a edição não for posta à venda aqui, você terá de me mandar outro, sem dedicatória pra eu ler. Não corto os livros com dedicatórias que prezo, compro outro exemplar pra cortar e ler. E assim farei com o de você<sup>4</sup>.

1. Rubens Borba de Moraes, “Humor e Política na Herança da Semana, Depoimento a Antônio Gonçalves Filho”.

2. Mário de Andrade, “1933 – Resposta ao Inquérito Sobre Mim Para Macaulay”, p. 39.

3. *Patrimônio Histórico e Artístico*, p. 22.

4. Mário de Andrade, *Cartas de Trabalho*, p. 64.

Paulo Prado possuía livros raros. Blaise Cendrars, em *Bourlinguer* (1948), evoca a Livraria Americana, de Chadenat, no Quai des Grands Augustins, em Paris, que Paulo conheceu por influência do tio Eduardo Prado e onde muitas vezes flagrara o chanceler Barão do Rio Branco, enfurnado numa atmosfera de fumaça, buscando localizar mapas que melhor determinassem os limites naturais do Brasil. Graças a esse empenho, o Barão venceu todas as disputas internacionais em que o país se envolveu<sup>5</sup>.

Sem a tutela do tio, Paulo Prado voltou à Americana para garimpar exemplares da Brasiliana que publicaria com Capistrano de Abreu: a coleção Para Melhor se Conhecer o Brasil, que lançou edição fac-similar do livro do capuchinho Claude D'Abbeville, a *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, o Diário de Navegação de Pero Lopes* etc. Em Londres, visitava regularmente a livraria dos Maggs Bros., na Conduit Street, onde acabou por adquirir a carta autógrafa de Anchieta, de 1579. Apesar do custo reduzido, “duzentas libras, o valor de trinta sacas de café”, Paulo Prado encetou uma campanha pública para sensibilizar os fazendeiros ricos seus parentes a participarem da empreitada cívica: “É o documento de família que dá à cidade moderna o atestado de longa ascendência...”. A carta acabou doada ao Museu Paulista<sup>6</sup>.

Segundo Sérgio Milliet,

Paulo Prado nunca foi um bibliófilo. Era um leitor apaixonado que gostava de ler seus livros prediletos em belas e boas edições. Como sabia escolher suas leituras, deixou uma biblioteca pequena, mas excelente (hoje incorporada à Biblioteca Municipal). Nunca comprou livros pelo prazer quase patológico, dos bibliófilos ortodoxos, de manuseá-los e contemplá-los apenas, sem os ler. Não é esse, evidentemente, o caso do erudito historiador Yan de Almeida Prado<sup>7</sup>.

João Fernando de Almeida Prado (Yan), outro modernista de primeira hora, tornou-se um bibliófilo militante, cuja obra muito se beneficiou desse seu empenho. Bibliófilos ou não, estiveram envolvidos com livros raros Rubens Borba de Moraes, Mário de Andrade, Paulo Prado, Sérgio Milliet, Yan de Almeida Prado, pelo menos, o que acaba por sugerir um novo tema de pesquisa a ser estimulado na universidade: o fascínio exercido nos modernistas pelos livros antigos.

5. Blaise Cendrars, *Bourlinguer*, p. 362.

6. Paulo Prado, “Uma Carta de Anchieta”, pp. 262-269.

7. Sérgio Milliet, “Cendrars e Paulo Prado”, pp. 452-453.

O belo edifício da Biblioteca Brasileira no *campus* da USP tem duas alas. Numa habita a biblioteca José e Guita Mindlin, que inclui a de Rubens Borba de Moraes; na outra, a biblioteca do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros – que abriga as coleções de Mário de Andrade e de Yan de Almeida Prado, entre outras. Graças a José e Guita Mindlin, a privilegiada Universidade de São Paulo acabou por reunir num mesmo local as bibliotecas raras dos modernistas.

Outro gênero de bibliófilo é o leitor. Pouco lembrados pelas políticas públicas, os leitores das bibliotecas aguardam a chegada dos livros novos com sofreguidão. Assim foi em 2001, no Centro Cultural São Paulo, cujos usuários durante oito anos não vislumbraram um único título novo. Quando exemplares doados pelas editoras chegaram, o público silenciosamente acorreu à mesa que os expunha. De posse de um livro, cada leitor passou a devorá-lo ali mesmo.

O projeto dos ônibus-biblioteca, criado por Rubens Borba de Moraes e Mário de Andrade na prefeitura de São Paulo em 1935 durou até 1942. Foi retomado em 1979, 1989, 1991 e 2008. O espírito da iniciativa continuava o mesmo na formulação de Mário de Andrade: “em vez de esperar pelo público, vai [a biblioteca circulante] em busca do seu público onde estiver”. Estacionados inicialmente nos parques públicos, os furgões carregados de livros proporcionavam uma “leitura imediata, dando ao *farniente* uma orientação cultural”<sup>8</sup>.

Em 2008 o projeto foi agraciado com o prêmio Viva Leitura, oferecido pela Fundação Santillana. Em 2012, a frota da Secretaria Municipal de Cultura já contava com doze ônibus amarelos circulando pela cidade, transportando quatro mil volumes cada um, alcançando 72 pontos da periferia da cidade destituídos de oferta de livros, visitados semanalmente. Esse serviço público beneficiava 330 mil leitores por ano, que retiravam cerca de quinhentos mil livros e os devolviam no prazo de quinze dias<sup>9</sup>. Em 2015, o serviço foi desativado e nunca mais retomado.

Recentemente uma faceta inesperada do amor dos livros foi revelada. Antonio Candido no autonecrólogo “O Pranto dos Livros”, redigido em 1997, imagina a recíproca sentimental da bibliofilia. O seu corpo já sem vida aguarda no caixão a combustão que o reduzirá às cinzas no crematório. Num último esforço de consciência – consciência de defunto – ele pensa nos livros de sua biblioteca que

8. Mário de Andrade, *Me Esqueci Completamente de Mim, Sou um Departamento de Cultura*, p. 124

9. *Bibliotecas Públicas, Ações, Processos e Perspectivas*, pp. 48-49.

[...] hão de chorar lágrimas invisíveis de papel e de tinta, de cartonagem e percalina, de couro de porco e pelica, de couro da Rússia e marroquim, de pergaminho e pano. Será o pranto mudo dos livros pelo amigo que os amou desde menino<sup>10</sup>.

Para consolo do frágil humano, leitor bibliófilo, que desaparece, os livros “de algum modo viverão para sempre”. ●

10. Antonio Candido, “O Pranto dos Livros”, pp. 50-51.

---

#### **SOBRE O AUTOR**

Carlos Augusto Calil é professor do Curso Superior do Audiovisual da ECA/USP. Foi diretor de instituições culturais como a Cinemateca Brasileira, o Centro Cultural São Paulo e Secretário Municipal de Cultura de SP (2005-2012).

## BIBLIOFILIA E SUA RECÍPROCA p.65

---

**RESUMO** Evocando a memória de grandes bibliófilos, tais como José Mindlin, Rubens Borba de Moraes e Mário de Andrade, o texto trata da bibliofilia e de algumas das trajetórias guiadas por ela. É abordada a relação entre um livro e seu dono por meio de uma breve investigação das condições desse relacionamento, explicitando também as consequências da bibliofilia para além do bibliófilo, que ao exercer seu amor pelo livro e pela leitura, os compartilha com a sociedade.

BIBLIÓFILOS • BIBLIOFILIA •  
BIBLIOTECAS • JOSÉ MINDLIN •  
RUBENS BORBA DE MORAES • MÁRIO  
DE ANDRADE • LIVROS RAROS.

### BIBLIOPHILIA AND ITS MUTUALS

**ABSTRACT** Evoking the memory of great bibliophiles, such as José Mindlin, Rubens Borba de Moraes and Mário de Andrade, the essay explores the theme of bibliophilia and the trajectories guided by it. The author discusses the relation between the book and its owner by a brief investigation of their connections' conditions, and explaining the consequences of bibliophilia that go beyond the bibliophile, who, in exercising his love of books and the reading, shares them with society.

BIBLIOPHILES • BIBLIOPHILIA  
• LIBRARIES • JOSÉ MINDLIN •  
RUBENS BORBA DE MORAES •  
MÁRIO DE ANDRADE • RARE BOOKS.

---

### REFERÊNCIAS

- MORAES, Rubens Borba de. "Humor e Política na Herança da Semana, Depoimento a Antônio Gonçalves Filho". *Folha de S. Paulo*, 17 fev. 1982.
- ANDRADE, Mário de. "1933 – Resposta ao Inquérito Sobre Mim pra Macaulay". In: LOPES, Telê Porto Ancona (org.). *Entrevistas e Depoimentos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983, p. 39.
- BATISTA, Maria Rossetti (org.). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Mário de Andrade, n. 30. Brasília, IPHAN, 2002, p. 22.
- ANDRADE, Mário de. "Cartas de Trabalho". In: FROTA, Lélia Coelho (org.). Brasília, SPHAN; Pró-Memória, 1981, p. 64.
- \_\_\_\_\_. *Me Esqueci Completamente de Mim, Sou Um Departamento de Cultura*. PENTEADO, Flávio Rodrigo & CALIL, Carlos Augusto (orgs.), p. 124.
- CENDRARS, Blaise. *Tout autour d'aujourd'hui*, IX: *Bowlinguer*, Denöel, 2003, pp. 362 ss.
- PRADO, Paulo. "Uma Carta de Anchieta". In: Carlos Augusto Calil (org.), *Paulística etc.*, pp. 262-69.
- MILLET, Sérgio. "Cendrars e Paulo Prado". *O Estado de S. Paulo*, 5 dez. 1954, In: EULALIO, Alexandre; CALIL, Carlos Augusto. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*, São Paulo, Perspectiva, 1978, pp. 452-453.
- COORDENADORIA do Sistema Municipal de Bibliotecas. *Bibliotecas Públicas, Ações, Processos e Perspectivas*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 2012, pp. 48-49.
- CANDIDO, Antonio. "O Pranto dos Livros". *Piauí*, n. 145, Rio de Janeiro, out. 2018, pp. 50-51, texto escrito em 17 jan. 1997.